

Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de abertura da III Conferência Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional

Fortaleza-CE, 03 de julho de 2007

Meu querido companheiro Cid Gomes, governador do estado do Ceará,
Meu companheiro Wellington Dias, governador do estado do Piauí,
Meu companheiro Jaques Wagner, governador do estado da Bahia,
Meu companheiro Patrus Ananias, ministro do Desenvolvimento Social e Combate à Fome,

Nossa companheira, ministra Dilma Rousseff, da Casa Civil,
Guilherme Cassel, do Desenvolvimento Agrário,
Márcio Fortes, das Cidades,
Nosso companheiro Altemir Gregolin, secretário de Aqüicultura e Pesca,
Nossa companheira Matilde Ribeiro, secretaria de Política de Promoção da Igualdade Racial,

Meu querido Francisco Pinheiro, vice-governador do estado do Ceará,
Minha companheira Luizianne Lins, prefeita de Fortaleza,
Nosso querido companheiro Chico Menezes, presidente do Consea,
Meu companheiro José Graziano da Silva, representante regional da FAO para a América Latina e Caribe,

Nossa querida Regina Barros Miranda, presidente do Consea do Ceará,
Senador Inácio Arruda,

Deputados federais Ciro Gomes, Chico Lopes, Eudes Xavier, Eugênio Gouvêa, Gorete Pereira, José Cirilo, José Guimarães, José Pimentel, Raimundo Matos, José Geraldo, Nazareno Fonteles,

Nosso querido companheiro Meneguelli, presidente do Sesi,
Companheiros e companheiras deputados estaduais,
Prefeitos aqui presentes,

Companheiras e companheiros membros do Conselho de Segurança Alimentar,

Meus companheiros e companheiras delegados participantes desta III Conferência,

Jornalistas,

Amigos e amigas,

Nossa querida dona Zilda Arns, a quem cumprimento agora, através de quem quero cumprimentar todas as mulheres aqui do nosso querido País.

Eu queria começar dizendo para vocês o seguinte: na semana passada, aconteceu uma coisa importante na relação internacional e comercial do Brasil. Vocês acompanharam pela imprensa que não houve acordo na Rodada de Doha, ou seja, o acordo que fazia a Europa e o G-20, representado pelo Brasil, Índia, China, Argentina, México e toda a América Latina e alguns países africanos, mais Estados Unidos e Japão. Por que não aconteceu o acordo? De um lado, nós – os países em desenvolvimento – exigíamos da União Européia que abrisse para que os países pobres pudessem exportar produtos agrícolas para a Europa. Para isso, tinha que diminuir o seu coeficiente para que os produtos brasileiros, argentinos e africanos pudessem chegar à Europa. Ela não quis abrir. E nós exigíamos que os Estados Unidos reduzissem os subsídios que eles deram, por três anos seguidos, de 15 bilhões de dólares, para financiar os seus agricultores, e nós queríamos que reduzissem para 12 bilhões de dólares, já que no ano passado o subsídio foi de 11 bilhões. E os Estados Unidos queriam colocar como subsídio 17 bilhões. Ou seja, eles nem queriam manter os 15 bilhões dos últimos 3 anos, nem queriam reduzir para 12 bilhões, nem queriam reduzir para 11 bilhões, queriam ficar com 17 bilhões de dólares. E o que eles queriam? Eles queriam que o Brasil, mais os países do G-20, abrissem para que eles pudessem mandar para cá mais produtos industrializados e também exportar serviços. Então, nós dissemos: se a Europa não abrir a agricultura dela para que os países pobres possam exportar para a Europa, não tem negociação, o Brasil não pretende negociar. Lógico que negociação é assim. Você negocia, você pede 100 e o adversário te oferece 10, você quer 90 e ele te oferece 20, até que você encontra um ponto de equilíbrio que permita que se faça o acordo.

Eu estou convencido de que nós ainda vamos fazer um acordo, porque hoje, graças a Deus, o Brasil não está tão fragilizado no exterior como esteve

historicamente. Hoje, quando se trata de negociação, eles sabem que o Brasil não está sozinho, que o Brasil está com a Índia, com a China, com a África do Sul, com a Argentina, com o México, com o Chile, com a Venezuela, ou seja, nós representamos o bloco do G-20. E eles sabem que não podem fazer nada sem levar em conta a nossa existência.

Eu comecei dizendo dessa negociação, Chico, porque eu citei uma coisa que eu gosto de fazer: reparar nas coisas que aconteceram na nossa vida. Quando nós lançamos o Programa Fome Zero, em 2003, nós fomos execrados, execrados pela direita, por determinados setores dos meios de comunicação e por setores de esquerda, que não entendem a política de combate à fome como uma política social, mas costumam chamar de assistencialista. Eu sei o quanto aquele companheiro Graziano foi atacado. Eu sei quantas vezes a manchete de jornal crucificou aquele companheiro. E eu sei em quantos debates aqueles dos discursos fáceis diziam: “Isso é assistencialismo, o que é preciso é gerar emprego para todo o mundo”. Como se nós não soubéssemos. Nós sabíamos, mas nós tínhamos consciência de que era possível construir o que nós estamos construindo. E a gente não tem apenas que fazer comparação com o futuro que a gente deseja, nós temos que fazer comparação também com o passado, para que a gente possa ter um ponto de equilíbrio neste País.

Josué de Castro escreveu a *Geografia da Fome* em 1946. Eu nasci em 1945. Em 1952, eu fui para São Paulo por causa da fome no Nordeste brasileiro. E fui para São Paulo, Patrus, morar na capital paulista, num bairro em que até os 10 anos, não apenas eu, mas muitos pobres, passavam a mesma fome que passávamos no Nordeste brasileiro. Porque neste País, a verdade nua e crua é que poucas vezes se pensou em política social, e poucas vezes nós tivemos governantes que estivessem próximos do povo pobre. Tirando Getúlio Vargas, eu quero saber quem é que esteve perto dos pobres, neste País, quando ele constituiu a CLT.

Pois bem, meus companheiros, nós não fizemos tudo o que queremos fazer. Certamente não fizemos tudo o que vocês sonham e que eu sonho. Mas é importante que a gente saiba em que degrau a gente estava e em que degrau a gente está. A gente não está numa escada rolante, rolando ao contrário. Estamos subindo porque fizemos a coisa certa, o grande problema

do Bolsa Família não era apenas dar o dinheiro, o grande problema era que nós não tínhamos um cadastro sério, nós não tínhamos um cadastro que merecesse respeitabilidade. E nós sabemos que, no meio de tanta gente honesta neste País, sempre tem um picareta que quer cadastrar uma pessoa que não tem direito, que quer cadastrar uma pessoa que não tem nem dimensão de chegar perto do Bolsa Família. Nós tivemos que enfrentar isso e, pela primeira vez, eu digo isso sem medo de errar, nós temos um cadastro que merece respeito. De vez em quando o Patrus e a equipe dele ainda se deparam com denúncias de pessoas cadastradas que não têm o direito de se cadastrar. E não é ele quem cadastra, quem faz o cadastro é o prefeito da cidade, vigiado pela comunidade onde ela está organizada. Mas é preciso que a gente esteja vigilante sempre, porque sempre haverá alguém disposto a achar que é mais esperto do que os outros para tentar enganar.

Eu não sei como é que uma pessoa não tem vergonha na cara de tirar 70 reais da boca de uma pessoa que está com fome se ela não precisa. Mas, lamentavelmente, ainda acontece isso no País. Mas hoje o programa está consolidado, e não é apenas o programa Bolsa Família, não é apenas o programa Bolsa Família e não vou repetir aqui o que já disse o Chico e o Patrus. É importante que os companheiros, mesmo reivindicando mais – e é um apelo que eu faço para vocês – nunca parem de reivindicar, porque quando vocês pararem a gente vai pensar que já fez tudo e a gente pode começar a errar.

Eu digo sempre que eu não tenho medo de reivindicação, porque nasci na política fazendo reivindicação. Quando eu conquistava 10, eu queria 15, quando eu conquistava 15, eu queria 20, quando eu conquistava 20, eu queria 30, Aí entrou o Meneguelli que queria 50, aí entrou o Vicentinho que queria 70. Essa é a nossa vida e temos que ser assim. Agora, o que a gente não pode é perder a noção das conquistas que a gente tem.

Hoje eu ganhei de presente, Meneguelli, uma coisa que você não sabe. A minha primeira conquista como dirigente sindical metalúrgico, em 1976, qual foi a conquista que eu tive pela primeira vez? Eu era presidente do sindicato, eu fazia uma pauta de reivindicação nas assembléias e, quando eu chegava na Federação dos Metalúrgicos, eles não queriam acatar a minha pauta, tinham que misturar a pauta de 38 sindicatos e a minha ficava diluída lá no meio. Nós

éramos uma categoria mais avançada porque tinha a indústria automobilística, a gente queria ônibus com ar condicionado, a gente queria o segundo pedaço de frango, a gente queria suco, a gente queria leite. Na fábrica pequena ainda estavam pedindo envelope de pagamento.

Pois bem, a minha primeira grande conquista foi entrar no Tribunal Superior do Trabalho e conquistar o direito de a Confederação dos Metalúrgicos não me representar. Quem me representava era eu mesmo e os trabalhadores da minha categoria que não tinham que pedir licença. Por que eu estou contando este fato? Porque eu aprendi a valorizar cada migalha que conquistei, por menor que fosse.

Se vocês não sabem, foi lá em São Bernardo do Campo que conquistamos a questão da estabilidade da mulher gestante. Eu me lembro de uma vez, e posso contar aqui na frente de vocês, quando nós conquistamos a estabilidade da mulher gestante, e não podiam mais mandar embora a mulher grávida, uma vez uma mulher, lá no departamento jurídico do sindicato, tirou o seio para fora, apertou o seio na minha frente, estava cheio de leite, e disse para mim: “Lula, eu acabei de ter uma filha, está com 3 meses, eu quero ser mandada embora e o patrão está dizendo que eu não sou mandada embora porque você conquistou esse diabo dessa estabilidade mas eu não quero estabilidade. Mas eu quero ir embora”. Eu falei: não tem problema minha filha, vá dar leite para a sua filha. Liguei para o patrão: vamos fazer um acordo aqui e vamos mandá-la embora. Ele a mandou embora. Mas vejam que a conquista que eu achei que era boa para todos, para uma pessoa não era, ela não queria estabilidade, ela queria era dar leite para a filha dela. E com razão, isso era mais importante.

Pois bem companheiros, nós chegamos agora numa situação em que a gente pode dar passos mais importantes. Nós, hoje, estamos aqui falando de leite, e o leite, para quem não sabe, o mercado paga 0,30 centavos de real para o leite e nós pagamos 0,70 centavos para garantir preço para o leite. Nós sabemos que lá em Rondônia, quando o quilo do feijão estava bem baratinho, nós fomos lá e oferecemos um preço para equilibrar. Isso vai continuar, não pensem que por que mudou o presidente da Conab isso vai mudar. Quem vai determinar a política da Conab vai ser o presidente da República, e se não fizer o que é para ser feito, ele tem que sair da Conab. Até porque a política do

governo não é política individual.

A segunda coisa que eu considero importante, companheiros e companheiras, que eu não vi o Patrus citar, é o programa chamado Luz para Todos. Possivelmente quem já nasceu na cidade não tem dimensão do que é o programa Luz para Todos. Quem já foi cozinhar com o candeeiro aceso em cima do fogão, quem foi costurar um botão na camisa de um filho para ele ir para a escola, sob a luz de candeeiro, sabe o significado do programa Luz para todos. Pois bem, nós já atendemos mais de 6 milhões e meio de pessoas. Só de fios, só de cabos, nós já colocamos 470 mil quilômetros de cabos, 2 milhões e 800 mil postes, 390 mil transformadores e, por conta disso, o povo já comprou 480 mil televisores, 378 mil geladeiras, não sei quantos milhares de liquidificadores. Por quê? Porque isso é colocado de graça na casa do pobre. Colocar luz numa cidade é até mais barato, você chega num prédio de apartamentos e com um poste você coloca luz para todo mundo. Nós estamos gastando hoje, meu caro Silvino, na região da Amazônia, 5 mil reais por cada ligação, que é financiada pelo governo federal, com parcela dos governos dos estados. É caro? É. Era melhor não fazer? Não era, porque aquilo que dá lucro, os empresários querem fazer, aquilo que dá prejuízo, ninguém faz, e o Estado tem que assumir a responsabilidade de garantir a luz como benefício para as pessoas.

Nós, Patrus, chegamos até aqui, nos momentos mais difíceis, e agora está muito mais fácil. Eu sei, com esse seu jeito mineirinho, eu acho que o Chico é mineiro também, esse jeitinho mineiro de falar, vai convencendo. Primeiro ele convence a Dilma, depois ele convence o Guido Mantega, depois chega lá: “Você sabe Presidente, tem um negocinho aqui que tem que fazer”. Ele e o Chico são muito matreiros, muito espertos e muito competentes. Então, Patrus, fique certo de que não vai faltar dinheiro para comprar alimento, da mesma forma que nós assumimos um compromisso com os trabalhadores rurais.

Eu estava vendo aqui o Tortele, ele está ali rindo agora, mas ele sabe que nunca sonhou em ter o tanto de crédito para a agricultura familiar como ele tem hoje, e eu digo sempre: gaste tudo que vai ter mais, se não gastar, não vai ter, mas gaste, porque essa coisa, Tortele, é um jogo de pressão, na hora em que vocês chegarem para mim e falarem o seguinte: “Presidente, já estamos

no mês de março, ainda faltam 3 meses para acabar a safra e acabou o dinheiro”, podem ficar certos de que vai ser parido um dinheirinho para vocês. Vejam, quando quebra a produção da soja por causa das chuvas ou do sol, não aparece dinheiro para resolver o problema dos grandes? Pois tem que aparecer para resolver os problemas dos pequenos.

Nós colocamos 10 bilhões na safra passada, o pessoal conseguiu empenhar 8 bilhões e meio, pode chegar a quase 9 bilhões. Nós colocamos 12 bilhões agora. Então, o que eu quero dizer para vocês, da agricultura familiar, é que vocês têm que ir mais rápido pegar o dinheiro. Está aqui o Banco do Nordeste, o Schmitt não estava acostumado a emprestar dinheiro para pobre, era só para rico. Agora, quanto você está emprestando para pobre? O Banco do Brasil, Maria Fernanda, você que é da Caixa Econômica Federal, e o Banco do Brasil, em outubro de 2003, os gerentes tinham desaprendido a emprestar dinheiro para pobre. A única banda do Brasil que pegava dinheiro era a banda do Rio Grande do Sul, onde tinha o Tortele e a turma dele, mais esperta. Porque no Nordeste e no Norte não chegava o Pronaf. Hoje, quem é de qualquer estado do Nordeste, quem é de qualquer estado do Norte, sabe que os gerentes aprenderam. Em vez de atender um grandão fumando charuto, atende o pequeno fumando cigarro de palha, dá o mesmo peso, a mesma importância e a mesma credibilidade.

E agora nós já aprendemos, agora fica tudo mais fácil, nós comemos o pão que o diabo amassou, e as coisas podem acontecer. É verdade que não fizemos ainda a reforma agrária que precisamos fazer. Mas companheiros, se a gente não levar em conta que em 8 anos do governo passado eles desapropriaram apenas 20 milhões de hectares, e que nós, em 4 anos, desapropriamos 32 milhões de hectares, nós também não estamos sendo sinceros entre nós. O nosso problema agora é transformar a terra de quem já tem em terra produtiva, para eles ganharem dinheiro, produzirem alimentos e sobreviverem. Esse é um desafio que está colocado para nós, levar assistência técnica, e isso agora a gente pode fazer. O presidente do Basa aprendeu, do banco do Nordeste aprendeu, do Banco do Brasil, e logo a Caixa Econômica vai estar financiando também a agricultura, já está financiando a casa no campo.

Eu estou vendo aqui um companheiro representante da comunidade indígena. Nós vamos anunciar logo, e você vai ser chamado lá em Brasília, nós

vamos anunciar um programa, pela Funasa, e a gente vai assumir o compromisso com vocês de, até 2010, colocar esgotamento sanitário e água potável em 90% das nações indígenas deste País. Da mesma forma, companheira Matilde, – nós ainda estamos no processo de legalização de muitos quilombos – nós vamos levar esgotamento sanitário e água potável para pelo menos 50% da população quilombola deste País. Se a gente legalizar mais áreas, vai ter mais. E isso, Matilde, você vai ter o prazer, depois de ver a ponte em Vaporanduva – que me deve há três anos –, quando inaugurar a ponte, a gente vai anunciar a questão do saneamento básico.

Por último, companheiros – eu tinha que ter embarcado às 9 horas –, eu queria dizer para vocês o seguinte: primeiro, o Patrus pode anunciar, durante a Conferência, a recomposição do valor do benefício, com base no INPC, para o Bolsa Família, em 18 e 25. Na verdade, isso vai ter um investimento – aqui está colocado custo, mas é um investimento – de 400 milhões este ano e, para o ano que vem, o investimento chega a 1 bilhão e 300 milhões a mais. Eu sei que quando a gente fala assim, o nosso pessoal da área econômica sofre na base, porque significa 1 bilhãozinho a mais. Mas é assim, quem é tesoureiro de sindicato, de comunidade, sabe que todo mundo que é tesoureiro gosta de guardar dinheiro. Aqui, nós vamos ter que fazer investimentos para os mais pobres do País.

E também, Patrus, você pode anunciar aqui amanhã, categoricamente, que nós vamos, definitivamente, Chico Menezes, resolver o problema da merenda escolar para os alunos do ensino médio deste País. Isso tem um investimento de 362 milhões por ano, mas atende 8 milhões e 300 mil jovens. Eu acho que 8 milhões e 300 mil jovens merecem mais do que 362 milhões.

Além disso, eu quero agradecer, Chico, a competência com que você tem dirigido o Consea. O Chico é daqueles companheiros verdadeiros, o Chico nunca foi subserviente ao governo, nunca baixou a cabeça na conversa conosco, nunca deixou de dizer as verdades que ele tem para dizer, concorda quando é possível concordar, discorda quando é possível discordar. Portanto, Chico, eu quero, de público, agradecer o grau de companheirismo e a lealdade que você teve com esses companheiros e companheiras do Consea, e que você teve com o governo federal.

Aos ministros que vão ficar aqui e que vão trabalhar a questão social da

agricultura, aquele negócio todo, eu queria dizer para vocês: a única coisa que a gente vai levar, quando deixar o governo, é a nossa relação de amizade com as pessoas que nós atendemos. E eu quero dizer para vocês, meus companheiros: tratem esse pessoal bem, porque no fundo, no fundo, quando a coisa apertar, quem é nosso amigo é esta gente que está aqui, que vai segurar a barra.

Que Deus abençoe vocês e até outro dia, se Deus quiser.